

O surgimento da noite

*Ou o livro das transformações contadas
pelos Yanomami do grupo Parahiteri*

edição brasileira© Hedra 2022
organização e tradução© Anne Ballester

coordenação da coleção Luísa Valentini
edição Luísa Valentini e Jorge Sallum
coedição Suzana Salama
assistência editorial Paulo Henrique Pompermaier
revisão Luísa Valentini e Vicente Sampaio
capa Lucas Kroëff

ISBN 978-65-89705-71-0
conselho editorial Adriano Scatolin,
Antonio Valverde,
Caio Gagliardi,
Jorge Sallum,
Ricardo Valle,
Tales Ab'Saber,
Tâmis Parron

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Direitos reservados em língua portuguesa somente para o Brasil

EDITORA HEDRA LTDA.
R. Fradique Coutinho, 1139 (subsolo)
05416-011 São Paulo SP Brasil
Telefone/Fax +55 11 3097 8304
editora@hedra.com.br
www.hedra.com.br

Foi feito o depósito legal.

O surgimento da noite

*Ou o livro das transformações contadas
pelos Yanomami do grupo Parahiteri*

Anne Ballester (organização)

2ª edição

hedra

São Paulo 2022

O surgimento da noite reúne narrativas que abordam o surgimento de outros elementos do mundo natural e social dos Yanomami. São narrados o surgimento do tabaco, do cipó e da banana através das aventuras do personagem Horonami. Horonami é um grande pajé que surgiu de si mesmo, assim como é relatado na narrativa. Surgiu junto com as florestas e ensinou aos Yanomami como morar nelas. Além de compartilhar os conhecimentos com o povo, ele também compartilhou suas histórias com os estrangeiros.

Anne Ballester nasceu em 1955 na França viveu por vinte e quatro anos com os Yanomami. Enquanto ativista, trabalhou como agente de saúde no combate à malária, foi alfabetizadora em língua yanomami e professora de português para jovens e adultos em posições de liderança indígena. É cofundadora da ONG Rios Profundos. Atuou como tradutora e organizadora dos livros *A árvore dos cantos*, *O surgimento dos pássaros*, *O surgimento da noite* e *Os comedores de terra*, todos incluídos na Coleção Mundo Indígenas.

Coleção Mundo Indígena reúne materiais produzidos com pensadores de diferentes povos indígenas e pessoas que pesquisam, trabalham ou lutam pela garantia de seus direitos. Os livros foram feitos para serem utilizados pelas comunidades envolvidas na sua produção, e por isso uma parte significativa das obras é bilíngue. Esperamos divulgar a imensa diversidade linguística dos povos indígenas no Brasil, que compreende mais de 150 línguas pertencentes a mais de trinta famílias linguísticas.

Sumário

Apresentação	9
Como foi feito este livro	II
Para ler as palavras yanomami	13
O SURGIMENTO DOS PÁSSAROS.	15
O surgimento da noite	17
Ruwëri	21
Horonami	25
Horonami	29
O surgimento do tabaco	33
Hãxoriwë	39
Horonami e o tatu: O surgimento do cipó e da embira . . .	43
Mororiwë	49
O surgimento da banana	55
Pore	61
A anta que andava nas árvores	65
Xama a rë iminowei	67



Apresentação

ESTE livro reúne histórias contadas por pajés yanomami do rio Demini, sobre os tempos antigos, quando seres que hoje são animais e espíritos eram gente como os Yanomami de hoje. Estas histórias contam como o mundo veio a ser como ele é agora.

Trata-se de um saber sobre a origem do mundo e dos conhecimentos dos Yanomami que as pessoas aprendem e amadurecem ao longo da vida, por isto este é um livro para adultos. As crianças yanomami também conhecem estas histórias, mas sugerimos que os pais das crianças de outros lugares as leiam antes de compartilhá-las com seus filhos.



Como foi feito este livro

Os Yanomami habitam uma grande extensão da floresta amazônica, que cobre parte dos estados de Roraima e do Amazonas, e também uma parte da Venezuela. Sua população está estimada em 35 mil pessoas, que falam quatro línguas diferentes, todas pertencentes a um pequeno tronco linguístico isolado. Essas línguas são chamadas yanomae, ninam, sanuma e xamatari.

As comunidades de onde veio este livro são falantes da língua xamatari ocidental, e ficam no município de Barcelos, no estado do Amazonas, na região conhecida como Médio Rio Negro, em torno do rio Demini.

Em 2008, as comunidades Ajuricaba, do rio Demini, Komixipiwei, do rio Jutai, e Cachoeira Aracá, do rio Aracá — todas situadas no município de Barcelos, estado do Amazonas — decidiram gravar e transcrever todas as histórias contadas por seus pajés. Elas conseguiram fazer essas gravações e transcrições com o apoio do Prêmio Culturas Indígenas de 2008, promovido pelo Ministério da Cultura e pela Associação Guarani Tenonde Porã.

No mês de junho de 2009, o pajé Moraes, da comunidade de Komixipiwei, contou todas as histórias, auxiliado pelos pajés Mauricio, Romário e Lauro. Os professores yanomami Tancredo e Maciel, da comunidade de Ajuricaba, ajudaram nas viagens entre Ajuricaba e Barcelos durante a realização do projeto. Depois, no mês de julho, Tancredo e outro professor, Simão, me ajudaram a fazer a transcrição das gravações, e

Tancredo e Carlos, professores respectivamente de Ajuricaba e Komixipíwei, me ajudaram a fazer uma primeira tradução para a língua portuguesa.

Fomos melhorando essa tradução com a ajuda de muita gente: Otávio Ironasiteri, que é professor yanomami na comunidade Bicho-Açu, no rio Marauíá, o linguista Henri Ramirez, e minha amiga Ieda Akselrude de Seixas. Esse trabalho deu origem ao livro *Nohi patama Parahiteri pë rë kuonowei tē ā* — *História mitológica do grupo Parahiteri*, editado em 2010 para circulação nas aldeias yanomami do Amazonas onde se fala o xamatari, especialmente os rios Demini, Padauri e Marauíá. Para quem quer conhecer melhor a língua xamatari, recomendamos os trabalhos de Henri Ramirez e o *Diccionario enciclopedico de la lengua yānomāmi*, de Jacques Lizot.

Em 2013, a editora Hedra propôs a essas mesmas comunidades e a mim que fizéssemos uma reedição dos textos, retraduzindo, anotando e ordenando assim narrativas para apresentar essas histórias para adultos e para crianças de todo o Brasil. Assim, o livro original deu origem a diversos livros com as muitas histórias contadas pelos pajés yanomami. E com a ajuda do PROAC, programa de apoio da SECULT-SP e da antropóloga Luísa Valentini, que organiza a série Mundo Indígena, publicamos agora uma versão bilíngue das principais narrativas coletadas, com o digno propósito de fazer circular um livro que seja, ao mesmo tempo, de uso dos yanomami e dos *napë* — como eles nos chamam.

Este livro, assim como o volume do qual ele se origina, é dedicado com afeto à memória de nosso amigo, o indigenista e antropólogo Luis Fernando Pereira, que trabalhou muito com as comunidades yanomami do Demini.

Para ler as palavras yanomami

Foi adotada neste livro a ortografia elaborada pelo linguista Henri Ramirez, que é a mais utilizada no Brasil e, em particular, nos programas de alfabetização de comunidades yanomami. Para ter ideia dos sons, indicamos abaixo.

- /i/ vogal alta, emitida do céu da boca, próximo a *i* e *u*
- /ë/ vogal entre o *e* e o *o* do português
- /w/ *u* curto, como em *língua*
- /y/ *i* curto, como em *Mário*
- /e/ vogal *e*, como em português
- /o/ *o*, como em português
- /u/ *u*, como em português
- /i/ *i*, como em português
- /a/ *a*, como em português
- /p/ como *p* ou *b* em português
- /t/ como *t* ou *d* em português
- /k/ como *c* de *casa*
- /h/ como o *rr* em *carro*, aspirado e suave
- /x/ como *x* em *xaxim*
- /s/ como *s* em *sapo*
- /m/ como *m* em *mamãe*
- /n/ como *n* em *nada*
- /ɾ/ como *r* em *puro*



O surgimento dos pássaros



O surgimento da noite

HORONAMI procurou aquilo que nos permite dormir. Ele fez aquilo que nos fará dormir. Aconteceu em toda a floresta. Ele procurou sem desistir, procurou, procurou e acabou encontrando essa coisa perto da sua moradia. A cauda da coisa já estava visível, pendurada em um galho, mas Horonami pensava que a coisa estaria sentada na raiz de uma árvore e continuou procurando longe, em todas as direções.

Não foi a noite que surgiu sozinha, de repente, para nós dormirmos. Assim, quem fez não foi outro. Não foi outro que fez anoitecer: foi Horonami, e apenas Horonami, quem soprou nosso sono — somente ele.

Qual a razão dessa procura? Como de dia ninguém parava de fazer sexo — vocês também não fazem sexo de dia? — e como a noite não existia — era sempre luz forte do dia — para ele esquecer os outros fazendo sexo, ele procurou a noite para envolver todos na escuridão.

A noite estava empoleirada em cima de uma árvore não muito distante. Parecia com um mutum empoleirado, cuja cauda repousava na parte alta de um galho inclinado de uma árvore *paikawa*.¹ Assim era a escuridão. Apesar de a noite parecer um mutum, Horonami conseguiu encontrá-la. A noite também cantava como um mutum.

1. Árvore baixa, chamada localmente de pé-de-maçarico.

Nessa época, os animais — como arara, mutum, queixada, anta, veado, caiarara, maitaca, irara, tamanduá-bandeira, papagaio e jabuti — eram Yanomami e, como os Yanomami, moravam em xapono. Horonami designou cada espécie de animal e deu-lhes seus nomes. Naquela época, ele procurou pela terra firme sem descanso, quando não havia xaponos espalhados pela selva; havia somente o xapono dele.² Os animais também viviam em xapono.³

Quando Horonami soprou a escuridão com sua zarabatana para nós dormirmos, ele queria que anoitecesse. Ele encontrou a escuridão e soprou. Depois de fazer cair a escuridão, ao mesmo tempo se desenhrou um pequeno círculo no chão, embaixo do lugar onde estava empoleirado o dono da escuridão.

O pai do cunhado de Horonami se chamava Manawë. Ele era uma boa pessoa, e avisou:

— Ele vai achar agora! Tomem cuidado! — avisou Manawë no xapono.

Quando Horonami flechou o mutum da noite, apesar de estar perto da sua moradia e de retornar correndo, ele também sofreu, porque anoiteceu de uma vez. Depois de ter soprado a noite em todos os cantos, e de ter corrido, ele adormeceu. Naquela noite, os Yanomami também sofreram. Não anoiteceu devagar. Até Horonami passou fome, pois não tinha como fazer fogo. Ele acabou ficando na escuridão, apesar de estar perto do seu xapono. Como foi assim que aconteceu, a mãe dele também sofreu, todos ficaram tontos de fome à noite. A escuridão perseguiu Horonami bem de perto, e ele estava com fome.

2. Horonami realiza diversas buscas para encontrar tudo que os Yanomami usam para viver.

3. Isto é, eram gente.

Depois de a noite apagar o dia, os que moravam com ele morreram de fome, pois comiam somente terra, comiam terra vorazmente e sofriam. Não sobreviveram. Até seu próprio cunhado sofreu e quase morreu. Horonami ficou angustiado.

Havia então três pajés: o avô, o avô mais novo e o cunhado, e eles esquartejaram a noite, fazendo reaparecer a luz do dia.

Para as pessoas não comerem mais terra, Horonami foi caçar. Ele nos ensinou a caçar. Ele tinha uma zarabatana, que alguns Yanomami usam para soprar, era isso que ele usava. Ele soprava os animais, tinha um sopro forte, e foi assim que ele nos ensinou a matar a caça com veneno.

É assim, é a própria história dos antepassados. É a história daquele que se apossou da floresta, é o início de tudo, a história do primeiro dono da floresta, Horonami.



Ruwëri

PĒMA ki miopë, pēma ki pehi taei ha, tē tama. Ihi tē rē tare, exi tē ha tē taema? Pēma ki rē hititiwē rē miore, tē taprapë. Komikomi tē urihi ha e kuopë, a taa he yatirarepë, a taema. A taprai he yatiopë, kama yahipi ahete ha, ihi tē texinaki pata hāpra a waikama kupiyei ha.

— Kihami hii hi nasiki ha pei tē pata roa — a puhi ha kuni, a taema, a taei payëkou piyëkoma.

Kama titititi a ha kuxëpraruni, a ha harini, pēma ki miopë mai! Kama titititi a xomi ha pëtaruni, pēma ki mio pehi mai! Inaha a taprarema, ai tēni mai! Titititi a rē kuprouwei, ai tēni a tapranomi, Horonami a yaini. Ihi xīro. Horonamini kama pēma ki maharixipi pehi rē horakenowei Horonami a yaia totihia. Ihi a xīro yaia.

Heao ha tē pē na ha wayotini, heao ha wama ki na wa rē wayouwei, hei tē titititi kuprou mao tēhē, mi haru a xīro hia-kawē kuotii kutaeni, ihi tē nohi mohotipropë, titititi a taema. Tē ka kahupropë.

Hei ai a hikari rē prare naha, kihi Ruwëri a paa, hei a pata paoma, paruri kurenaha a pata paoma. Paikawa kohi pata ora hitoteopë ha, tē texinaki pata hāpraoma. Inaha Ruwëri a kuoma. Ihi Ruwëri a rē kui, paruri kurenaha a kuoma makui, yakumi a he haa he yatiroma. Kama titititi a makui, paruri kurenaha a ikima, mia kurenaha, mia ikii kuaama.

Ihi tëhë, yakumi yaro, ara, paruri, warë, xama, haya, hoaxi, ārima, hoari, tëpë, werehi, totori, Yanomami hei kurenaha, të pë hiraoma. Ihini yaro pë wāha hiraapotayoma. Kamiyë pëma kini, pëma pë wāha yuapë. Ihi të mi wakaraxi xīro hami a taetima, taetima, taetima...Ai yahi ai, ai yahi, xapono kurenaha kuo tëhë mai! Yami a përioma. Hei a xapono rë kurenaha hapa pë kuoma.

Ihi tëhë Horonamini Ruwëri a rë horaprare, pëma ki rë mi-owe, të mi titi titimai puhiope yaro, a horama, titititi kamani a horaprarema. A ha kemarini, ihi të xīro ha a rë kemare të ha, iſitoripi komorewë titititi a praoma. Titititi a praoma, ihi a pepi ha.

Pe heri hiipi rë kuonowe, ihi pë hii Manawë e wāha kuoma. E wāha wāritio taonomi. Pe heri hiipi wāha kuoma.

— Kuikë a taprai kure. Pei pë ta moyawëpo! — e kuu heama.

Kutaeni a rë niarahari, kama a wāisipi ahetea makure, a rërëimama makui, a no preaama. Rope të mi titirayou yaro. A ha horararini, a rërëatii makui, hei a mio kure. Ihi të titi hami, pë no Yanomami preaa xoaopë. Opisi titi a kuaa taonomi. Ihi tëhë kama a makui, a no preaama, ohiri, pohoro hi ki poimi yaro. Kama a ruwëmoma, yakumi kama a ruwëmoma, a hiraahetea makure, a ruwëmoma. Inaha të kuprarioma kutaeni pë nii e no preaama, pë ohiri wëkëkoma mi titi hami. Inaha të kua. Kihira si ki rë kurenaha, inaha e ruwëmou kuoma, yahi ahetea makui. Ohiri.

Horonamini pë kái rë përiawei ha, pë ka rë hëaprarihe, ohi a wayuni, pë nomaa haikirayoma. Pë xëprarema. Hei pita a yāxamahe, a pata wëhërimamahe, horema pë rë kurenaha pë no preaama. Ihi e pë hëpronomi. Pe heri a no premapoma. Pe heri e kái waharoprarioma. Kama a rë kui, a xi harihirayoma.

Hekura inaha të pë kua yaro, pë xii, pë xii oxe, pe heri, inaha pë kua yaro, inaha, ai, ai, ai, pë hekura kua yaro. Titi a

ha yakëkëprai he ha yatiroheni, të mi harumaremahe. Ihiru heinaha kuwë, huya, pë hiakapronomi, pë nomaa haikirayoma. Pë ohitima yaro. Pruka mi titi të pë yukemahe yaro, titi a huxomi hami, pë hiakapronomi, pë ruwëri no preaama, pë ni kái ha mapraruni, ihiru rope pë nomai he tilherimoma, ñnaha të pë kuaama.

Ihi hei të rë kupraruhe hami, kama a rami hui, a rami hui, kamiyë pëma ki hirai ha, yaro pë niai hirai ha, mokawa a poimi makure, yoroa Yanomami të pë rë horaiwehei, ñhinaxomi a poma. Ihini yaro pë horama, mixiã ki hiakao totihioma, ñhi të pou yaro, të pë husuni, të pë ixou hirai ha, ai të ihiru imisi kái hírema, të rë xëprarenowei, ñhi rë a rë përio mi hetuonowei, ihirupi xëprai hayurayoma. Pore a përioma, hapa kái, Horonami payeri, ñhi ihirupi rë xëprai hirare, kutaeni, òka të pë ha huni, të pë xëihe, ñhini të pë horai hiraama. Inaha të kuwë, pata të ã yai. Ihi urihi a rë ponowei të ã, të komosi rë praikuhe hami të ã.



Horonami

ESTA é a verdadeira história de nosso surgimento: quando a floresta era virgem, apareceu Horonami, personagem principal de nossa história, por causa de seus ensinamentos. O grande pajé¹ yanomami Horonami surgiu dele mesmo; surgiu ao mesmo tempo que esta floresta e foi quem ensinou os Yanomami a morar nela. Assim foi o início.

Não existia Yanomami como os de hoje, nem outro ser humano.

Ele propagou sua sabedoria para que nossa história fosse sempre lembrada e discutida, como fazemos agora. Aconteceu bem antes de os tuxauas yanomami passarem a existir como existem hoje.² Horonami foi o primeiro habitante da floresta e nos ensinou a morar nela, assim como ensinou também aos estrangeiros, os *napë*.³ Ele não tinha pai, mas mesmo assim ele surgiu. Ele surgiu em uma floresta maravilhosa.

1. Ser pajé, nestas histórias, quer dizer que o personagem em questão é ou tem a capacidade de se transformar em espírito e, com isso, fazer coisas extraordinárias.

2. No Amazonas, onde vivem as comunidades de Ajuricaba e Komixipiwei, usa-se *tuxaua* ou *liderança* para designar a pessoa de referência de uma comunidade indígena, por essa razão optou-se por esses termos na tradução.

3. O termo *napë* designa os estrangeiros, em geral os brancos, ou quem adotou seus costumes.

Quem morava com Horonami? Horonami morava com seu cunhado, Wiyanawë, que, apesar de não ter desposado sua irmã, era seu verdadeiro cunhado.⁴ Horonami sempre o levava consigo nos períodos que passavam dentro da mata, chamados *wayum*, e ensinou os descendentes como ir de *wayum*.⁵

Apesar de sua mãe não ter parido Horonami, pois ele surgiu de repente, o nome de sua mãe era Yotoama. O pajé Horonami foi quem procurou e descobriu nossa comida, nosso conhecimento da floresta e o habitat dos animais, para que, quando os Yanomami ocupassem a floresta, eles fossem capazes de aplacar sua fome de carne.

Ele descobriu o nome dos animais quando eles viviam como nós. Apesar de serem animais, antes eles viviam do mesmo modo que os Yanomami.

Como ele fez aparecer a água para acalmar a sede dos Yanomami? Ele abriu várias veredas na floresta. Abriu veredas em todas as direções, de forma que elas nunca sumam e que sempre bebamos água.

Horonami tinha seu próprio xapono,⁶ onde moravam também seus aliados, que se tornaram muito importantes.

Como se chamava o xapono pertencente a Horonami? Esse xapono chamava-se Horona.

4. Os Yanomami, tradicionalmente, não podem chamar uns aos outros por seus nomes próprios, por isso usam termos de parentesco. Quando não há consanguinidade, são usados termos de afinidade, como cunhado ou sogro. Cunhado é também um termo positivo, na medida em que indica alguém em quem se pode confiar.

5. Longas estadias coletivas na floresta. Em geral são motivadas pela falta de comida no xapono. A comunidade pode se dividir em vários grupos quando se trata de um xapono populoso, e se desloca num vasto círculo, fazendo acampamentos sucessivos.

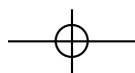
6. Os xaponos são as casas coletivas circulares onde moram os Yanomami. Cada casa corresponde a uma comunidade; em geral não se fazem duas casas numa mesma localidade.

O xapono vizinho, que ficava do outro lado do rio, se chamava Menawakoari. Os primeiros habitantes desse xapono também se chamavam Menawakoari. Penewakoari era o tuxaua e morava com o grupo dos Kapurawëteri. O tuxaua dos que moravam com Horonami se chamava Penewakoari. Kapurawë era o nome do xapono e da região dos Kapurawëteri.⁷

Penewakoari morava com eles e estava destinado a se transformar num monstro. Penewakoari depois se transformou no monstro Xõewëhena, faminto de carne e comedor de crianças. Mas, quando ainda era Yanomami, Penewakoari morava no xapono Kapurawëteri, vizinho ao xapono Horona.

Nesses xaponos moravam poucas pessoas. Com o tempo, nos xaponos vizinhos foram aparecendo mais tuxauas. Os primeiros tuxauas que viviam nos xaponos vizinhos, os xaponos dos aliados, não eram nossos antepassados, eram outros. Sobre eles se contaram estas histórias.

7. *Habitantes*: em alguns casos o xapono tem o nome de seu tuxaua.



Horonami

YANOMAMI hekura kama xoati a pētarioma, urihi hami he usukuwē a rē pētariowei, Yanomami pēriai hirarewē a rē pētariowei a yai. Inaha tē kua, hapa.

Yanomami hei kurenaha pē kuo mao tēhē, ai tē kuonomi.

Wetini pēma ki taprarema? Kamiyē pēma ki rē pētariowei tē ā yai kua. Pēma ki rē hiranowei kurenaha pēma ki noā tayopē. Urihi a xomao tēhē, Horonamini Yanomami tē rē hiranowei, ūhi a xīro periami pētarioma. Horonami Yanomami tē pē ihirupi pēriami kuo mao tēhē, Horonami hapa kama hekura a pētarioma. Pētaruni, urihi a yurema. Inaha kamiyē pēma ki no patapi yai wāha kua.

A pērikema. Kamiyē pēma ki pēriai hirapē. Napē pē makui, pē pēriai hirapē, hiraama. Horonami ai pē nii e kuonomi makui, kama a pētarioma. Urihi hei a kuonomi, urihi katehe a ha a pētarioma, katehe urihi a ha.

Horonami weti xo ki pēripioma? Kama Horonami, pe heri xo, Horonami pe heri a rē pararuponowei, notiwa tē ki wayumi pēriai hirai ha a rē pararuponowei, pe heri Wīyanawē e wāha kuoma, ūhi Horonami pe heri yai, yaipi e poimi makure, Wīyanawē pe heri e kuoma.

Pē niini a kepranomi makui, e xomi pētarioma, pē nii Yotoama e wāha kuoma. Horonami kahiki rē niimonowei kama xoati Yotoama e wāha kuoma, Horonami niipi. Yanomami pē rarou mao tēhē, ūhi a rē pērikenowei, hapa a wāha koro prao kure. Ihini Horonamini hekura a rē pētariowei, kama xoati

a rē pētariŋowei, ʔhini kamiyē pēma ki rē iaiwei, a urihi rē minowei, yaro pē rē pērihimonowei, pē rē wāriŋowei, kamiyē pēma ki naiki waopē.

Hei kurenaha kuwē tē pē pērihimoma, ʔhini yaro pē wāha wārima, ʔhi a mori kua yaro. Yarori pē makui, e pē Yanomami pēriai ha pariikuni, Horonamini pē wārii piyēkoma.

ʔhini pē amixi kái rē kōamanowei, ʔhini wetini, weti naha u pē kupropē? Horonamini urihi hami pei yo pē reiki rē tanowei, exi tē pē kupropē mai! Mayo ki maprou pēo rē mai, yo ki tama. Mau pēma u pē koapē. U pē kupropē, yo pē tama. Inaha a urihi komio tēhē, ʔnaha tē tama.

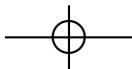
Horonami xaponopi kuoma, pē rē pēriŋowei. ʔhi payeri a rē payeriponowehei, pēriami tē pē kuprarioma.

Kama xaponopi ipa kurenaha, pukatu hami, ai xapono, a rē kuonowei, Horonami kama xapono e rē ponowei, weti naha e wāha kuoma? A kái rē pēriŋowei, nahi rē ʔtaŋonowei, kama Horona xapono e wāha kuoma. ʔhi kamani a wāha rē yehipore a kái pērioma. ʔhi e wāha kuoma, xapono.

Kama kipi rē pēriŋonowei, ʔhi te he tikē ha, Menawakoari a kuoma. Hapa tē pē rē pēriŋowei tē pē wāha, Menawakoari, Penewakoari hapa Xōewēhena yai, yai tē rē kuprarionowei, Penewakoari a naikia rē pēriŋowei, Penewakoari pēriami kē a, Kapurawēteri pē kái pērioma. Hei Horonami kama teri e pē kái rē pēriŋowei Penewakoari pēriami a wāha yai kuoma. Kama e pē rē kui Kapurawēteri e pē wāha kuoma. Kama yahipi, urihipi Kapurawēteri e wāha kuoma. Kama pēriami Penewakoari, yai tē kupropē makui, pē kái pērioma. ʔhiru pē wama, hei kurenaha pē wama. Hapa a yanomamio tēhē, Penewakoari a pērikema.

Inaha houkutawē, kuwētatawē pē kái pērioma. Hāikitawē pē kái pērioma. ʔhi kama e pē rē kui Kapurawēteri. Kama pēriami Penewakoari a wāha kuoma. ʔhi te he wai tikēre hami, pē yahipi he rē tikēkēmonowei, xoati pēriami pē kuprarioma.

Kama nohi pē yahipi he rē tikēkēmonowei, pēriami ai, hapa tē
pē rē kuonowei, kamiyē yama ki no patama mai, ai! Hapa tē
pē wāha nohi rē wēyēnowehei tē pē wāha.



O surgimento do tabaco

ESTA é a história de Hãxoriwë, o dono do tabaco. Antes ninguém usava o tabaco, porque ninguém conhecia suas sementes, nem as soprava para semear.

“É desse jeito que se coloca o tabaco no lábio!” Ninguém pensava assim. Eles não conheciam o tabaco; por isso, ninguém andava com brejeira no lábio, ninguém o usava, pois o desconheciam.

Nessa época, Hãxoriwë morava sozinho, não tinha esposa nem filho. Quando Horonami por acaso o encontrou, ele fez perguntas a Hãxoriwë. Horonami o encontrou pois era pajé e se deslocava facilmente. Quando Horonami o encontrou, ele o viu comendo a fruta *pahi*, um tipo de ingá. Hãxoriwë estava comendo, mas não usava tabaco. Ele tinha vontade de usar tabaco, por isso chorava. Hãxoriwë chorava. Estava sofrendo por causa do tabaco, e assim nos ensinou a ter vontade de usar o tabaco — por isso choramos quando não tem tabaco.

Horonami apareceu naquele momento; Hãxoriwë estava comendo. Ele comia frutas *pahi* sem parar. Os galhos estavam cheios de frutas agrupadas, que estavam penduradas nos galhos carregados. Horonami o viu comer. Horonami estava vindo sem nada, não tinha brejeira, mas fez aparecer no seu lábio um tabaco sem cor. Ele fez aparecer o tabaco *taratara*.¹ Enquanto Horonami ainda estava de pé, ele perguntou a Hãxoriwë:

— Quem é você? Você aí, quem é?

1. Trata-se de uma variedade forte de tabaco, muito apreciada.

— Não pergunte quem sou! Sou Hãxoriwë! — disse ele.
— Meu filho,² é você?

— Sim.

— Você, quem é você?

— Sou Horonami, sou Horonami — disse. — O que você está comendo?

— Não pergunte o que é! — retrucou. — Eu como fruta. Eu como fruta. É a fruta *pabi*! — disse Hãxoriwë.

Quando ele disse isso, Horonami olhou. Ele queria fazer aparecer o tabaco. Ele não fez aparecer o tabaco da forma que o conhecemos, pois ninguém, sequer ele mesmo, sabia preparar o tabaco depois de soprar as sementes e de misturar as folhas com cinzas. Como Horonami era pajé, ele fez sair o tabaco de dentro de Hãxoriwë. Depois de fazer sair o tabaco sem cor, ele o usou. Hãxoriwë olhou e quando viu o tabaco:

— *H!* — chorou logo.

Era um ardil para que Horonami lhe desse o tabaco:

— Brejeira! Meu filho! Brejeira! — chorou Hãxoriwë.

— *H!* Meu sogro! Você está sofrendo tanto assim?!

— Sim! Estou querendo, meu filho! Divida o que você tem no lábio! — chorou ele.

— Meu sogro está sofrendo muito, mesmo! Me dê algumas das frutas que você está comendo e eu lhe darei tabaco para você provar! — disse Horonami.

Com essa conversa, Hãxoriwë jogou uma ou duas frutas. Ele estava sovinando as frutas, guardando-as só para si. Horonami experimentou as frutas.

Depois de chupar as frutas, os caroços caíam por si sós, de tão maduras:

“*H! Probu! Probu!*” elas faziam ao cair.

2. Modo carinhoso usado por parentes mais velhos ao se dirigirem a parentes mais novos, mais especificamente entre pais e filhos ou avós e netos.

— Sogro! As sementes estão moles. Tem muitas frutas ali grudadas, tire para mim!

— Não, primeiro me passe a brejeira!

Hãxoriwë nos ensinou essa palavra: brejeira. Assim, quando Horonami a guardou no lábio, ele disse:

— Minha brejeira!

Não apareceu logo esse nome, tabaco.³ Ele só apareceu quando Hãxoriwë pronunciou essa palavra, até então desconhecida. Horonami lhe deu a brejeira. Horonami aproveitou a situação e pediu outras frutas. Assim, Hãxoriwë lhe deu mais uma, mais uma e mais uma. Essas frutas penduradas, depois de colhidas, pareciam cachos de banana.

— Vamos, meu sogro! Experimente! — disse Horonami.
— Prova!

Tê!, Hãxoriwë caiu.

— Dê aqui! Traga aqui! — choramingou.

Como Hãxoriwë estava chorando, Horonami lhe deu o tabaco e ele logo o colocou no lábio. Quando o colocou na boca, ele já ficou tonto, e tremia de tontura. Ele chorava, embriagado. A força do tabaco o pegou imediatamente. Ainda com o tabaco na boca ele cuspiu, e a espuma caiu no chão. Onde a espuma caiu, surgiu um broto de tabaco, que logo cresceu e se espalhou de uma vez. As folhas de tabaco logo ficaram grandes, como as folhas da jurubeba.

Horonami fez aparecer o tabaco através de Hãxoriwë. O conhecimento das sementes foi transmitido, por isso nossos antepassados as pegaram e hoje nós usamos o tabaco, apesar de ele se originar do cuspe de Hãxoriwë.

— Meu sogro, depois de melhorar, você dirá: é só tabaco!
— disse Horonami.

3. Nesta narrativa os dois termos são tratados como sinônimos.

Enquanto Hãxoriwë estava pendurado e inebriado, uma espuma grande saiu da sua boca, por causa da força do tabaco. Ele se engasgou e cuspiu, e foi dessa espuma que surgiu o tabaco, do cuspe de Hãxoriwë, que se tornou tabaco.

E um dia, quando os antepassados foram de *wayum*, como de costume, um deles encontrou o tabaco. Assim, fizeram se multiplicar as sementes e ficaram conhecendo o tabaco.

Quem fez aparecer o tabaco? Nós já sabemos, não foi outro que o fez aparecer. Não foi um Yanomami comum.

Havia nessa época os Yanomami do xapono Warahiko, e foram eles que encontraram o tabaco, foi um deles. Quando viram o tabaco, disseram:

— *Ōoãã!* Uau! Uma plantação de tabaco!

Foram eles que pronunciaram o nome do tabaco. Em uma região ali perto, moravam dois Wãimaãtori, de outro xapono. Quando os do xapono Warahiko encontraram um deles, lhe contaram a respeito do tabaco.

— Meu filho! Qual é o nome disso? — Ah, é tabaco! — assim retrucaram os dois Wãimaãtori.

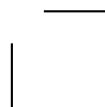
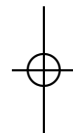
Foi assim que aconteceu: Hãxoriwë, os Warahikoteri e os dois Wãimaãtori descobriram o tabaco primeiro. Foi assim que o uso do tabaco se desenvolveu. Os *napë* não fizeram surgir o tabaco depois de soprar as sementes. Foi a partir do lugar onde surgiu o tabaco que ele se espalhou por todo canto. Assim foi.

Como surgiu o tabaco? Já sabemos: Hãxoriwë iniciou o processo quando Horonami fez aparecer o tabaco, enquanto Hãxoriwë estava olhando. É obra de Horonami, foi ele quem o fez surgir. Ele é um grande pajé, por isso, o maior.

Depois de o tabaco se espalhar, quando os Warahikoteri eram Yanomami, eles até desmaiaram com a força do tabaco *taratara*. Sofreram de tontura. Os dois Wãimaãtori que moravam mais além, apesar de serem resistentes ao tabaco, também desmaiaram e ficaram duros por causa da força do tabaco *tara-*

tara. Mas depois eles melhoraram. Foi assim que, em seguida, pegaram as sementes de tabaco e as espalharam, fazendo-as se multiplicarem aqui. Assim foi.

Hãxoriwë morava aqui. Depois da história do sofrimento de Hãxoriwë, surge a história do encontro de Horonami com o Tatu.



Hāxoriwë

HĀXORIWĒ tē ā. Inaha tē kua. Pēe nahe mo ha horariheni, pēe nahe mo ki ha tarariheni, ha horariheni, nahe mo ha homorini, tē pē kareanomihe, hapa. Inaha pēe nahe kareamou:

Hata kure! Tē pē puhi kunomi. Xīro tē pē puhi mohoti kuotima, ūhi tē pē husi kái karereapraronomi, ai tē kareanomihe, tē pē puhi mohoti yaro.

Ūhi tēhē, Hāxoriwë yami a pērioma. Hesiopi mai! Hesiopi a kái kuonomi, ihirupi e kái kuonomi. Ūhi a he ha harēni, Horonamini a he ha harēni, a he harema, a he haapērema, a wārima, ūhi wetini e tē yai taprarema. Ūhini rē a he rē haareni, kama hekura a yaro, hei xīro kurenaha e warokema makui, Hāxoriwë a iai ha tararini, pahi ki ha a iama. Kete, pahi ki ha, xīroxīro pēe nahe kareponomi. A puhi toopronomi, ūhi tē pē ha a ūkima, Hāxoriwë a ūkima. Ūhi tē pē no pēxiri ha a no preama, hei pēma ki puhi toomi hiraama, pēma ki ma rē ūkiwei, ūhi tēhē Horonami e pētarioma. Hāxoriwë a iama. Pahi ki ha a iatima. Pei hi poko ki hami, e tē pē pata yērēkēmoma, ximokore e tē pē pata reikipramoma. A iai tararema. Ūhi ei tē rē pētamare, xīroxīro a huimama, ai e tē kareponomi, axiaki e tē pētamarema, pei husi hami. Ūha e tē rē pētamare, taratara e taprai kure. Horonami e upratou tēhē:

— Weti kē wa? Mihi weti kē wa? — e kuma.

— Wetima! Hāxoriwë kē ya! — e kuma — Xei! Kahē rē wa?

— Awei.

— Weti kē wa?

— Horonami kē ya, Horonami kē ya! — e kuma — Exi wa tē ki wai kure? — e kuma —

— Exima! — e kui no mihioma — Kete ya ki wai, kete ya ki wai. Pahi kē ki! — e kuma.

Ihi e mamo xatiprakema. Pēe e nahe pētamaī puhiope yaro. Ai tēni, kamañi tē mo ki ha horakini, tē ha yaarini, e tē ripi pētamanomi. Kama hekura a yaro, pei huxomi hami e hamarema. E ha hamarini, e tē karetarema axi. Kihi mamo xatiprakema. Pēe nahe ha tararini:

— Hīi! — ĩharē e ĩkia xoarayoma, pēe nahe ha, e tē hipēamaī puhiope yaro, nomohori.

— Weyuyē kēēē! Xei! Weyuyē kēēēaaa! — e kuma. E mia kuma — Hīi! Xoape wa puhi too no preomi totihiwē tawē?

— Awei ya puhi tooma, xei, mihi wa tē wai rē karepore! Tē ta karoa haipa! — a ĩkirani e kuma. E kui ha:

— Xoayē tē ā no preo rē totihiwē yai ta kēi. Mihi wa tē ki rē ware, ĩnaha tē ki ta hukēa tapa! Ihi hei ya tē hipēapē, wa tē mipē! — e kuma.

Ma kui tēhē, porakapi e tē ki, mahu tē ki xēyēkema, tē ki no xi ĩmapou yaro. Tē ki nowamama. E ha xēyēkini, e wapama.

— Hīi! Prohu! Prohu! — kama e mo ki prērēi rēoma, hī horehewē tē ki pata.

— Xoape, tē mo ki pata prore totihiwē kē! Mihi xītoxīto tē ki pata rē tēre, ĩhi tē ki pata ta hukēpa!

— Ma, weyuyē a wai ta hio pario! — Kama Hāxoriwēni weyu a wāha hiraama. Ihi kutaeni, a karepou ha:

— Weyuyē kē! — e kuma.

Hapa pēe nahe wāha kuo haionomi. E ha kuni, e tē hipēkema. Ai ki ha nomohori nakaa kōrēni, ĩnaha, hei ai a, ai a, ai a, ĩnaha e ki takema. Ihi ki rē yērēkēawei, e ki pata ha hoyorēni, hawē kurata e tē ki hamo pata rii kuwē.

— Pei! Xoape! Hei! Tē ta wapa! — e kuma. Wapēpraa, ĩhi rē!

— Tëi! — e kerayoma. Hëyëmi kē! Hëyëmi kē! — e mia kuma.

E ìkirani, e hipëkema. E karetaì xoarayoma. Ihi ei e rē karerehe hamì, Hāxoriwē a rē kui, a hairema. A yatiyatia hai-rayoma. A porepì ìkima, yētu a hairema, ìhi tē ma karepore makui, kihamì pei kahi u pē pata porepì rē prarirouwei, kahi u pē moxi, kuaama makui, ìhamì rē nahe pēe rē pētore, kihi nahe pata rē homorihe, ìhi nahe pata pēprarioma, pēe. Hawē kuma masi mohe pata rē yoihe.

Ihi Hāxoriwē iha nahe pēe rē pētamarenowei, nahe mo ki piyēai ha kuikuheni, pēma tē pē hore kareai kure, pei kahi u pē makui.

— Xoape wa ha harorini: *pēe nahe* wa kupē tao — e kuhërìma.

A porepì rukēo tēhē. Pei kanehēro pēni a xoaprarioma, pēe nahe wayuni. Ihi iha pēe nahe ki harayoma, pei kahi u pē pēenaheprarioma. Pata pē hui ha kuikuni, tē pē wayumi ma rē huiwei, tē pē ma rē pēriaiwei, tē pē pēriama, pēe nahe he pata rē haaiwei, a hurayoma.

Tē mo ki paramai xoao hēriipehe, te he pata haremahe.

Wetini tē ki pētamarema? Pē puhi kui mai! Ai tēni pēe nahe pētamai taonomi, Yanomami tēni mai! Warahikoriteri pē hiraoma. Kama pē xīro hiraoma. Ihi pēni pēe nahe he haremahe. Warahikoteri ani. Ihi pēni pēe nahe ha tarariheni:

-Ōooā! Pēe rē nahe pata!

Ihi rē pēni nahe wāha yupraremahe. Ihi tē he tikēa ha, Wāimaātori ki pēripioma. Ihi Warahikoriteri pēni a he ha hareheni, Wāimaātoriwē kipi iha pē ā no wēa piyëkema. Ihi kipini:

— Xei! Weti naha, exi tē pē wāha? Puhi ku tihehē! Pēe kē nahe! — Wāimaātori kipi kupima.

Ihi pēni, hei Hāxoriwē, Warahikoteri, Wāimaātori kipi ì-naha pēe nahe kareai rē xomaonowehei pē kuprarioma, te he

haa rē xoamakenowehei. Inaha a kupro hēripē, pēe. Napē pēni tē mo ki ha horakeheni, napē pēni a kái tapranomihe. Taprano hei ami, napē pē iha. Ihi a urihi rē kutarenaha nahe pētopē ha, a xomi tapramai xarayo hērima. Inaha a kuprarioma.

— Weti naha pēe nahe kuprarioma? — puhi kui mai! Haxōriwēni. Horonamini e nahe hipēkema. Kama hēyēmi e nahe pētamarema, kama mamo yēo tēhē. Ihi unosi yai, Horonamini tē rē pētamarenowe, tē yai. Kama hekura a yai pata, pē hii a yaro. Pē hii yai.

Hei pē rē kui, ei a rē piyērēahei, ihi Warahikoteri pē rē kui, pē Yanomami kuo tēhē, hei pēe naheni, taratara a wayuni pē nomarayoma. Pē porepi no preaama. Hei ki he rē torepire ki no motahapiwē makui hei taratara ani, ki kái nomawē kaxexēpiwē no prepioma. Ihi makui, waiha kipi haropirayoma. Kutaeni hēyēha nahe mo ki piyēremahe, piyēa xoaremahe. Nahe mo ki piyēaihe, hēyēha a raroa piyēkema. Praukou xooma. Inaha a kuprarioma.

Hei Hāxoriwē a pērioma, hēyēha. Ihi tē mi amo ha, hei a no rē preaamare, hei a no rē premarihe, a ha hayuikuni, Mororiwē a he hōra haa piyērema.

Horonami e o tatu: O surgimento do cipó e da embira

O TATU era Yanomami e era muito comprido.¹ Horonami encontrou o Tatu. Por que Horonami cortou o Tatu bem na cintura? Nós, Yanomami, amarramos terçados e fazemos as cordas de arco com o cipó-de-apuí que se ergue na mata. Nós o cortamos e descascamos. É com isso que nós amarramos nossas redes, com as embiras de cipó-de-apuí.

Horonami cortou o Tatu. Antes disso não havia linha de pesca. Nossos antepassados não tinham corda de rede. Depois de encontrar o Tatu, depois de esticar suas tripas, depois de destruí-lo, ele o cortou em pedaços.

Foi Tatu quem fez aparecer o machado, pois foi ele quem o fabricou. Ele percebeu que certo tipo de madeira dura parecia um cabo de machado. Assim, o Tatu possuía o único machado. Ele ensinou aos *napë* como fabricar o machado. Então ele não tinha dificuldade em tirar o mel, pois tinha o machado. Ele fez um cabo comprido, depois de quebrar um pau, enfiou e amarrou o machado de pedra em um pau, era um machado de pedra; depois de amarrá-lo, ele partiu um tronco e tomou mel. Os antepassados não tomavam mel, não sabiam tomar. Ele ensinou a tomar mel, ele que existiu primeiro, quando os Yanomami não existiam, quando este inventor não morava entre eles, ele ensinou a tomar mel. Esse tatu se chama *moro*. Horonami o encontrou.

1. Era gente, e tinha os hábitos e o corpo semelhantes aos dos Yanomami. Trata-se aqui do tatu-de-rabo-mole-comum (*Cabassous unicinctus*).

Ku, kōu, kōu, kōu, kōu, kōu!, fazia Tatu, cortando o tronco. Horonami ouviu esse som pela manhã.

— *Ho!* Quem produz esse som, eu quero ver. Dá para ouvir de longe — disse Horonami.

Ele logo foi em direção ao som. O Tatu estava sozinho; o som fazia zoadá. Horonami estava indo na direção do som e parou. Tatu derramava o mel *tima*,² ele o derramava de uma árvore à qual deu o nome de *roa*.³ Horonami ficou de pé parado, perto de Tatu, fazendo um som com a boca para chamar sua atenção. Aí fez outro som com a boca, mas Tatu nem olhava, ele cortava sem parar, com as pernas abertas. Naquela época, ninguém chamava o outro de *sogro*. Horonami nos ensinou então a chamar de *sogro*:⁴

— *H*, meu sogro! — disse. — Meu sogro! — disse Horonami com uma voz assustadora.

Quando disse isso, o Tatu parou.

— *F! Ō!* — disse assustado. — *F! Ō!* De quem é essa voz? — O Tatu falava assim. — De quem é essa voz? — ele respondeu, com uma voz que não era normal. Era o seu jeito de falar mesmo.

Horonami olhou, sorriu.

— Sogro! O que você está comendo? O que é isso? — disse Horonami.

2. Mel de uma abelha de mesmo nome, que faz sua colmeia no oco dos troncos, próximo ao solo.

3. Árvore alta e de madeira dura.

4. Sogro, ou tio. O uso desse termo indica uma relação de respeito. Horonami quer se aproximar de Tatu. Trata-se também de uma observação irônica, pois as mulheres ainda não existem no período em que acontecem as histórias de Horonami, e portanto as relações de aliança — sogro/ cunhado — não são uma possibilidade.

— Não pergunte quem eu sou! — ele disse. — Você sabe quem eu sou! Sou o Tatu! — disse ele. Dizendo isso, ele perguntou:

— Qual é o seu nome? — ele desafiou Horonami a dizer seu nome.

— *H̃*, eu sou Horonami.

Horonami falava com uma voz bem bonita, pois ele era bonito.

— *H̃*, meu filho, eu sou o Tatu.

O Tatu era esbranquiçado. Ele era branco, como os *napë*. Ele o chamou logo.

— O que você está querendo fazer? O que você está cortando?

— *H̃*! Estou comendo assim! Estou comendo isto.

— Eu quero experimentar — disse Horonami. — Quero experimentar um pouco! Posso beber? Que tipo de mel é?

— Não pergunte o que é! É o mel *tima* — disse o Tatu.

A partir desse momento, nós, Yanomami, aprendemos a chamar esse mel de *tima*.

— Lá tem mel *tima*! — ao vê-lo, eu direi assim.

Foi o Tatu que ensinou o nome. Horonami chegou mais perto daquele que estava falando. O Tatu maroto chamou Horonami.

— Vai! Experimente, meu filho! Experimente, meu filho! O buraco da colmeia ficou aberto. Pise nesse buraco e entre nela! — disse.

Era uma armadilha para fazer Horonami entrar no buraco da árvore. Horonami aceitou:

— *H̃*! Será que o buraco tem espaço suficiente? O mel está jorrando, está gotejando mesmo. O buraco da colmeia está em baixo. A colmeia acaba aí. Entre lá dentro! Fique mais em cima, pise para baixo! Eu estou olhando! — disse o Tatu, malicioso.

Quando ele disse isso, Horonami cedeu e entrou logo. Foi logo e entrou, a colmeia fazia barulho, e ele foi até o alto da colmeia. Ficou de pé lá no alto dela. De pé, onde ele entrou, pelo buraco que o Tatu tinha feito. O Tatu fechou o buraco, e não havia outra saída. O Tatu prendeu Horonami lá em cima. Horonami gritava lá dentro. Não tinha como sair. Se Horonami fosse um Yanomami como outro qualquer, ele jamais sairia. Ele gritou e gritou lá de dentro, sofrendo, gritando e chorando. Chorava como criança. O Tatu, que o prendeu, fugiu correndo para longe. Aquele que estava preso por si só fez espocar a árvore. O Tatu já estava longe.

— Ele não vai me seguir — pensou o Tatu, muito seguro de si.

Horonami, com seu pensamento e seu sopro forte, arreben-
tou a árvore *roa*. Ele ficou de pé e olhou ao redor, mas o feioso
que o prendeu não estava mais ali. Horonami ficou sozinho.

— *H!*

Depois de pular com a explosão, passou pegando a dala e a
zarabatana que estavam penduradas. Colocou nas costas.

— *H!* — gemeu. — O que tem o nome de Moro, esse
feioso, ele ferrou comigo! — disse, triste.

Horonami não errou de lugar: ele correu logo para onde o
Tatu havia ido, e foi rápido, ensinando-nos a correr. Horonami
correu na direção do lugar onde havia muitas pedras saídas da
terra; ele correu e correu, seguindo os rastros do Tatu, como
fazem os cachorros. Daí, Horonami correu dando uma volta, e
cortou o caminho do Tatu. Horonami o encontrou e o Tatu se
assustou. Como o Tatu o havia prendido, ele ficou com medo
e com raiva por dentro, e tentou agradá-lo, mas não conseguiu
suscitar a compaixão de Horonami.

O Tatu apareceu.

— *Taha! Arrá!* — disse Horonami.

Era mesmo o Tatu. Ele espreitava, com a mão sobre a testa, à procura de mel. Olhava passando entre as árvores. Horonami já estava de pé, pegou um atalho e deu uma volta. O Tatu se confundiu na floresta e acabou chegando justo onde estava Horonami. Horonami estava de pé, atrás da árvore, e deu um susto grande nele. Horonami queria cortar aquele que o havia aterrorizado. Ele decidiu levá-lo até um tronco, fingindo que ali havia uma colmeia, para fazê-lo se abaixar. O Tatu pegou o machado.

— *H!* Meu filho, aqui está! Aqui está! — disse. — *Hō, hō, hō, hō!* Meu filho! *Hō, hō, hō, hō!* Venha cá ver! Olhe aqui! Meu filho, aqui está! — disse Horonami.

Horonami dizia isso tentando agradar o Tatu, e ia indo atrás dele.

— *H!* Me passa isso que você tem aí no ombro, está afiado mesmo? — disse Horonami, astuto.

A falsa colmeia fazia barulho, e Horonami fez diminuir esse barulho, para que o Tatu abaixasse a cabeça para ver melhor a colmeia. Enquanto o Tatu olhava para a colmeia com a cabeça abaixada, enquanto ele estava nessa posição baixa, ele dizia:

— Aqui está a entrada da colmeia!

Quando o Tatu disse isso, o machado já estava na mão de Horonami e, enquanto o Tatu abaixava a cabeça, Horonami o cortou bem na cintura.

Krihii, kriihii!, fez Horonami, cortando o Tatu para se vingar, pois ele tinha sofrido por causa do Tatu.

— *Ēēēēāāāāē!* — gemeu a parte de cima do longo corpo do Tatu.

Apesar de ser só um pedaço, a parte superior correu embora, sofrendo. Do lado de cá ficou a parte inferior; as tripas vinham se esticando e a parte superior ficava rolando. Assim, as tripas foram se esticando até lá, elas não se arrebentaram. A parte superior daquele que Horonami havia cortado, e que ele queria

que se tornasse o tatu *moro*, foi lá para cima, até onde estão os espíritos. Foi para lá que fugiu a parte superior do Tatu. Aqui no chão ficou a parte inferior.

Só um pedaço do Tatu chegou aos espíritos. Suas tripas não apodreceram; elas foram até onde se erguem as árvores e subiram nelas. Uma parte das tripas do Tatu se transformou em cipó-de-apuí e outra parte se transformou na embira *xinakotorema*, com a qual, depois dessa transformação, os Yanomami começaram a amarrar as cabeças das redes de cipó. Foi assim.

Apesar de nossos antepassados saberem fazer redes de cipó, eles se deitavam no chão, pois não havia corda. Eles se deitavam no chão — colocavam a rede de cipó no chão para deitar.

Como foi que eles descobriram a rede de cipó? Eles não sabiam descascar o cipó-titica com os dentes, então era assim.⁵ Até as moças deitavam no chão. Deitavam uns em cima dos outros, como os cachorros. Sofriam na escuridão. Eles eram assim. Dormiam passando frio. Para que nossos antepassados não passassem mais necessidades, as tripas de Tatu se tornaram cipó-de-apuí que amarra as redes. Foi assim.

Depois da transformação das tripas, eles passaram a usar o cipó para fazer terçados e machados de pedra, e para amarrar a cabeça das redes, também feitas de um tipo de cipó. Depois, com o passar do tempo, eles teceram cestos. No início eles também não sabiam tecer cestos. Assim foi. Esta história acabou.

5. O cipó-titica é usado na fabricação de cestos.

Mororiwë

Ihi Mororiwë Yanomami a kuoma, a rapeoma. Hei a he haa piyërema, Hãxoriwë a wapëa hayurema.

Ihi exi të ha a rii pëprarema? Pëixoki pëprai rë piyërayonowi. Yanomami pëma kini sipara pëma pë ôkapë, hãto pëma nahi tana pë tapë, xiki pë uprahaapë. Xiki a kuo tëhë pëma a ha hanirëni, pëma a kãi hikekeai. Ihi ani pëma ki pëki he ôkaopë, xiki pë kupropë.

Mororiwë a pëprarema. Ihiya masitana pë kuonomi. Pëma ki nohi patama pëki tana pë kãi kuonomi. Ihi a he ha harëni, xiki ha hĩrihou xi ha wãria hërini, hemata a pëprarema yaro.

Mororiwë hãyokoma kama e posi rë pëtarionowi, kamani posi taprarema. Himaro a ha tararini, hãyokoma kurenaha e të kuoma. A ukërema, a ha ukëriini ïhi kama Mororiwëni rë a hãyokoma mahu poma. Napë pë iha të tai hirapë. Mororiwë a makui a xiro no preaanomi. Napë pë iha hãyokoma a taprapapë, a ukërema. Hawë hãyokoma a kure a hũikema, poo e maro kuoma a kora ha ôkakini, puu a wama. Kamiyë pëma kini puu pëma pë wanomi. Pata të pëni puu pë wanomihe, u pë kãi koai taonomihe. Ihi tëhë, ïhini puu pë wai hirakema, kama a rë kuo xomaonowi, Yanomami të kuo mao tëhë, të puhi rë taowei të përio nikereo mao tëhë, ïhini puu pë wai rë hirakenowi kã a. Moro pë wãha kua. A he hõra harema:

— Kou, kou, kou, kou, kou, kou! — e kui përaoma. Harika a he hõra harema.

— Ho! Weti a hõra, ya të mii ta yaio hëri kã? Të hõra karëhou ayaa — a ku hërima.

Ihami e katitia xoarayoma. A hōra morokotaa tayoā yaro, ai a payeri kuama mai! a hōra karēhoma. E rē huimiiiiii, e uprakema. Hei a tuyēi. Tima e tuyēma. Roa iha wāha tapramapē, roa hi ha a tuyēma. E upratarioma. Xoape! Ai tē kái kunomi. Ihini tē pē xiimou hirakema. E upratarioma. E kahiki suku-sukumorayoma. A ma tahamore, e mamo xatipraonomi. E paxēpaxēmoma, e rerekerani.

— Hīi, xoape! — e kuma — Xoape! — e kui no kirihiwē pētarioma.

E kui ha, e tiraprakema:

-Hī! Ō! — e kuma, a ātiprario yaro — I! Ō! Weti kē wa wā? — e kuma. Inaha a wā hai kuoma. — Weti kē wa wā? — e kunomi.

Ihi inaha kama a wā rii hai kuoma. E mamo xatiprakema. E kahe watetarioma.

— Xoape! Exi wa tē wai kure? Exi kē tē? — e kuma — Ō! Weti kē wa?

— Wetima! — e kuma — Wetima! Mororiwē kē ya! -e kuma — Mororiwē kē ya. Ai weti naha kahē wa wāha kua kure? — e kuma, a wāha kái yupramarema.

-Hī! kamiyē Horonami ya ta kui! — e kuma.

A wā kái hai totihitao he parooma. A riēhēwē yaro.

— Hī! Xei! Kamiyē Mororiwē kē ya! — e kuma.

E pruxixioma. Weti a au nikerea kure? A auoma. Napē pē au rē kurenaha. A nakaa xoarema.

— Weti naha wa tē tapē xoapē? Wa tē paxai ta kurawē?

-Hī! Pei ya tē wai! Pei ya tē wai!

— Ya tē wapai puhia ta kurani — e kuma — Ya tē wāisipi wapai puhia ta kurani! — e kuma — Ya tē u koapē kē! Exi naxomi kē tē? — e kuma.

-Hī!, exi tē ma! Tima kē a — e kuma.

Inaha Yanomami pēma ki kui hēopē:

— Kiha tima a kua — ya ha tararini, ya kupē.

Ihi tē hīrama. Tē wāha yuprai hirai ha. A rē kure e ukukema. A nomohori nakarema. Inaha tē pē kuaai puhio yaro. Kamiyēni pē nomohori ha nakarēni, pē no xēa rē kurepīwei naha, a taprai puhio yaro, a nakarema:

— Pei! Wapēpraayo! Xei, wapēpraayo! Xei! Hei oraora u nanoka pata hēkei kuhe! U nanoka pata ta kakukuprario, hēyēmi wahē ki ha rukētaroni — e kuma.

A nomohori rukēmapē. E ha kuni, e kui ha, e no xi kái imaonomi.

— Hīi! Wa tē hi ka yawētēa ta yairawē! Hei tē u pē nia pata weoweo, tē u pē nia pata xararawē nohi yaii! Hei u pata koro, hei kē! hēyēmi u he pata tatoa kure! A ta rukē taru! Kiha wahē ki he ha torehe taruni, inaha u pata kakukupia taya hēri! Ya mamo yēo tēhē! — e xomi kuma.

A kui ha, e rukērayoma. E ihetarioma. E ha ihetaruni, Horonami e rukērayoma. E rē kōririmo hēriiwei, u he pata tatoopē ha, e upra parihirayoma. Upa paru huruni, hei a rē rukēmāre ha, a rē pēpramouweini ta ka komipramarema, ai e te hi ka kuonomi. Kiha a xi wāri parihirayoma. Kohomo hami a kōmimai kupoti. A no hapimi yaro. Hei kamiyē Yanomami pēma ki rē kurenaha, a rukēi ha kunoha, a no yokēi kōtaopi rē mai! A rarima, kihami a wā kōhomoketayoma, a rariprarou no preoma, a ikima. Ihiru kurenaha a miomiopraoma. Hei a ka rē kōmapramariheni, e tokurayoma. A ka komaprarema yaro. Hei a xi rē wārimakihe, kihami e rērērayoma. A pēka rē kahure kama pehi hōra homoprou hērayoma. Prahaa waiki tare:

— Ware a nosi yauai mai tao! — e puhi xomi ha kuni.

Kama puhini, kama mixiā kini, roa hi pata hētīmarema.

— Hīi! Pou! — a upratarioma. Wāriti tēni a ka rē kahupraiwei, a mīprarema kuonomi. Yami a hētarioma.

— Hīi! — e kuma.

E ha yutupraikuni kama ruhu e ma ki pesi rē rukēpouwei, ma ki pesi hayurema. Tē ki ha yehitarini:

— Hīīīī! Pei a wāha yuamou Moroa rē wāritire, a no hore huxuai mata yai taniīīī — a kui he yautarioma.

Yai hami e kái hui mai! Ihi kama a hu hēripē hami e rērēa xoarayoma, e hua xoarayo hērīma, tē pē rērēai hirai ha. Maa pruka ma pē pata ureremopē hami, a xomi ma rērērayonowei, īhi rē mayo hami e rērēa hērayoma, hiima kurenaha. Kihami a rē rērēre, kihami e xokei tēhē, hei kama a rē kui, a xokei tēhē, mi yapai tēhē, hēyēha a mi heturema, Mororiwē e kirirarioma. A ka kahuprarema yaro, e kirirarioma, a asimoma, a wā xomi hiraama, a nohi no ohotaamopima mai! E pētarioma

— Taha! — e kuma.

No yaipimi. E huko si yohoa taroma, puu na pē mīi ha. Hīi hi pē koro hami e kuapraroma. Hei a ma upraa waikire ha. Hēyēmi a he rīi tiheriprou, kihami a xomi rē xokeprora kiri, a nohi rē mohotuaimi, hei te hi ki mīi rē katitirayoi ha, a upraoma. Hēyēmi a ayōriprou, a upraoma. E mi yami kerayoma. īīha a rē kirimare, īha rē a pēprarema. Hei a rē ruruare, hēyēha e naki pēka tamakema, e kuami makui, a ruruapē, kama mohe potamapē. Hāyokoma e yurema.

— Hīī!, xei, hei kē a, hēyēha a kua kure — e kuma — Hō, hō, hō, hō, xētēwē tē wai, hō, hō, hō, hēyēha kē tē ta mipra ayo, xei, hei kē — e kuma.

A xomi yokomama. Ihi a ma kui tēhē, e ayōprarioma.

— Hīhī, mihi tē ta hiprao! Wa tē rē rukēpore tē namo? Tē namowē, namo kē tē! — e kui topraroma.

Hēyēha e naki makuonowei makui, e naki ā mi wētēa piyēmakema. E naki mīmapē. Inaha e naki mīi ha, e kutou tēhē:

— Hēyēha hei tē ka wai — e kutou tēhē, īhi e rē yure, mohe potou tēhē, pei pēixoki yai ha a pahetiprarema:

— Krihīi, kriihīīī! — kama a no yuo ha, kamani a no preaamaī tikooma yaro.

-Ēēēāāāē! — oraora e kuma, a ma hematai, hēyēmi a no preaa hērīma.

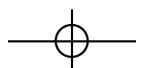
Kihi korokoro a rē praa hēratī hami xiki hīrihou hēoimama, oraora a rē yapuro hēriiwei, yapuro hērii, yapuro hērii, yapuro hērii, inaha xiki hīrihou kurakiri, xiki hētīnōmi, kama a rē pēprarihe, oraora a rē kui.

A Mororiwē praii puhiope yaro, hekura pē ihami, a ora hurayoma. Ihami a ora tokurayoma. Kiha korokoro a prao hēoma. Ihi Mororiwē a waropē hemata. Ihi xiki rē kui, xiki kái tarei maopē, hii hi kuopē hami, xiki kái tua xoape hērima, xiki a kuprarioma. Ai xiki xiki kuketayoma. Kihami ai xiki katirayo hērima. Kihami xinakotorema a kuprarioma, ihi xi pē hami. Inaha xi pē rii ha kuraruni, tē pē pēki he ōkaoma, hapa. Inaha a taprarema.

Hapa tē pē pēki tao makui, pei tē pē praoma. Tona ki kuami yaro. Tē pē praoma, tē pē pēriapē hami, tē pē pakohepramoma.

Ihi weti ha pēkipēki a ha tarariheni? Tē pē mohoti yaro, hei masi pē makui, too toto pē makui, tē pē kái waxai taonomihe. Inaha tē kuoma. Kuwē yaro, tē pē moko makui tē pē praoma. Hiima pororoo kurenaha tē pē kupramoma, tē pē kuaama. Ruwēri kē tē pē no preaa kure. Inaha tē pē kuoma. Sāihiri, tē pē prapramoma, inaha. Inaha tē kuoma. Kamiyē pēma ki no patama hōriprou maopē ihi Mororiwē xiki xikiprarioma.

Ihi xiki ha kupraruni, sipara pē, poomaro pē wai hiima-mahe, tē pē pēki he kái ōkaoma, tē pē opi puhi ha taorini, yorehi si pē kái tiyēmahe, wii pē kái tiyēi taonomihe, hapa. Inaha tē pē kuaama. Ihi ei tē ā rē kui, tē ā makema.



O surgimento da banana

A HISTÓRIA da banana-pacovã. No início era assim. Nossos antepassados surgiram e não sabiam plantar bananas. Não fosse por isso, não haveria essas bananeiras. Não teria aparecido esse tipo de banana.

Como pensou e agiu aquele que fez surgir a banana, depois de morar e se estabelecer? Geralmente a gente vai à mata e encontra um lugar como se alguém tivesse roçado, um lugar queimado e limpo, bem no meio da selva. A gente chama esse lugar de *queimado do Fantasma*. Nesse tipo de lugar se encontra um telhado de palha, como aquele que nós costumamos tecer.

Embora ninguém tenha dito ao Fantasma, “teça as palhas assim!”, ele as teceu, apesar de ninguém ter ensinado para ele. Depois de Horonami ver o queimado, ele encontrou o Fantasma, dono do queimado, que morava ali. Nesse tipo de lugar, erguem-se os pés de sororoca, que são semelhantes às bananeiras, mas não dão banana.

O surgimento das bananeiras, não foi porque o Fantasma cortou, queimou e roçou a sororoca. Ele não as plantou. Elas simplesmente surgiram no dia seguinte.

Proto! Pauxim! Proto! Rokom! Proto! Monarim! Proto! Pakatarim! Proto! Nakoaxim! Rokoya! Rokoroko! Roorewë!

Estas bananeiras e sororocas simplesmente saíram delas mesmas. Dois dias depois, o Fantasma voltou ao lugar onde havia queimado as sororocas e viu que tinha nascido também batata-doce. Não foi em outros xaponos que ele pegou. Lá onde

Fantasma tinha seus alimentos, onde havia as bananeiras, as sororocas se transformaram em bananas-pacovás e a batata-doce surgiu. Ali também dava cará, ária, pimenta e o mamoeiro. Foi o Fantasma que fez aparecer as bananeiras. Elas vêm do Fantasma.

Por que ele as fez aparecer? Porque ele tinha um filho, que ele tinha de alimentar.

Ao ouvir a voz do filho do Fantasma, Horonami descobriu a sua moradia e pegou com ele umas mudas de bananeira.

O Fantasma não tinha outros parentes. Ele mostrou aos Yanomami que é possível ter somente um filho. Ele fez apenas um filho, apesar de sua esposa ser moça. Agora ele não é mais pajé, como foi em vida.

Aquele que vinha, Horonami, encontrou as bananeiras e pediu mudas ao Fantasma. Quando não existiam nem roças, nem Yanomami, depois de Horonami pegar as bananeiras, ao chegar ao seu xapono, ele deu nomes a elas, deixando com isso o ensinamento de como plantar as bananeiras. Ele as pegou para nós as termos. Até hoje existem as bananas de diferentes variedades: *rokom*, *nakoaxim*, *rokoya*, *pauxim*, *monarim*, *pakatarim*. Assim foi.

Nossos antepassados e os antepassados dos *napë* não comeram banana desde o início. Hoje, tanto os *napë* quanto os Yanomami plantam bananas, a partir do ensinamento de Horonami.

COMO OS NAPË DESCOBRIRAM A BANANA

Como aconteceu a descoberta da banana pelos *napë*? Qual foi o Yanomami que levou as bananeiras aos *napë*? Ninguém le-

vou as mudas de bananeira aos *napë*. Uma moça estava reclusa.¹ A água saiu e as roças afundaram. Essa água levou a mulher e por onde a levou, levou também as bananeiras afundadas, até aonde os *napë* vivem; foi o rio que levou as bananeiras para que eles, os *napë*, as descobrissem. O rio desejava a mulher menstruada porque ela era bonita. No que ela se tornou? O rio a levou porque a desejava. Da mulher menstruada que as águas levaram, sua imagem se espalhou nos rios. Multiplicou-se a partir dela mesma. Foi a água que a pegou. O rio disse:

— Meu sogro, quero uma mulher! Me dê a sua filha!

O rio entrou, perseguindo a mulher. O rio entrou rápido. Olha só a água! Ela entrava por trás das casas, apesar de a terra ser alta.

— *Prako! Prako!* — dizia o grande rio.

O pai mandou pintar a filha, nessa hora ele a pintou, seu irmão a pintou. O pai mandou seu filho pintá-la. Ele estava com muito medo de se afogar na água, que vinha ameaçadora, se mexendo como em plena tempestade. A água se mexia com grandes banzeiros, nos quais a mulher pintada foi jogada, apesar da sua beleza. Seu pai a fez afundar. O rio levou a sua filha, e não a devolveu. Ela não se afogou, e o rio a levou como sua esposa.

— Eu, apesar de ser água, farei dela a mãe d'água! Eu vou pegá-la — disse o rio.

Por isso, esta Yanomami se tornará a mãe do rio. O rio se retirou. Depois de pintarem seu rosto com desenhos bonitos, colocaram penas de cauda de papagaio nas suas orelhas. Feito

1. Quando a menina yanomami tem sua primeira menstruação, ela fica em reclusão por um período entre uma semana e dez dias, dentro de um pequeno cômodo feito de folhas de açaí no xapono. Essa reclusão a protege do assédio de espíritos num momento em que ela fica em evidência. Aqui a moça atrai o interesse do rio, que a carrega para fora do xapono para se casar com ela.

isso, as folhas de açazeiro da reclusão foram removidas e a água entrou. O xapono dele era como os nossos.

— Mãe! Mãe! Pinte minha irmã! Enfeite-a! Enfeite-a depressa! — disse o irmão da moça.²

— Essa ideia dói muito, meu filho, mas não tem jeito, entregue mesmo tua irmã!

Apesar de ser o rio, assim falou o pai. Ele mandou entregar a filha. Foi assim que ele disse. Existe um canto sobre a mulher levada pelo rio, há um canto sobre ela:

Xiri tõi!
Xiri tõi,
Xiri tõiwë,
Xiri tõi,
Xiri tõi,
Xiri tõi,
Xiri tõiwë!

Ela cantou. Quando ela pronunciou o nome de seu marido, o rio respondeu:

— *Tuuuuuuuuuuuu!*

— *Xiri tõi! Xiri tõi! Xiri tõi!* — cantou o pai.

Ele falou assim, cantou assim e, quando parou de cantar, o xapono quase caiu, levado pelo rio. O irmão a pegou para jogá-la, apesar de ela estar chorando. Ela chorava, por causa do seu irmão:

— *Faaa!* Meu irmão! Meu irmão! Não fique triste! Meu pai! Meu pai! Não fique triste! Minha mãe! Minha mãe! Não fique triste!

Enquanto ela chorava assim, o irmão a pegou.

— *H!* — *Kopou!*, ele a jogou de cabeça.

2. A moça enfeitada normalmente seria entregue a um marido humano, não a um marido rio.

Fazendo assim, a água a pegou e logo a levou. O rio cheio já estava esperando. Quando o rio se retirou, revelou uma grande extensão de terra.

— *Puuu!* — disse o rio.

Foi assim, o rio desceu de uma vez só.

— *Aëëë!* — ela disse.

A mulher se tornou boto, aquele que boia na superfície da água, pois a jogaram na água quando ela estava menstruada; ela estava de reclusão, a vagina dela estava ainda sangrando. Por isso se tornou a mãe d'água. A imagem dela se espalhou e ocupou todos os rios. Aquelas bananeiras *rokoroko* que a água levou, bem como as pacovãs, se multiplicaram na terra dos *napë*. Assim foi, as bananeiras se multiplicaram.



Pore

HAPA, inaha të á kua. Kamiyë pëma ki no patama rë pëtore hami, kurata si keai taonomihe. Ihi të mao ha kë kunoha, kihi të si ki kuami. Inaha kuwë të si no pëtopirë mai!

Ihi weti naha të ha taprarini, kama a përiopë ha, a përitopë ha, weti naha a puhi ha kutaruni, kurata si ki kupropë të tama? Urihi pë kái ma rë humouwei, kihami wa hui, poreíxinoripi kama hawë ai të hikarimoma, të íxino wararawë praa, praa hōkoa. Inaha të rë kuawei ha hei kurenaha kamani íhi hei kurenaha pëma hena pë tiyëpë. Kama Pore a rë përiõnõwei, íhi heinaha tiyëwa e henaki kuoma. Hei kurenaha:

Inaha henaki ta tiyëprari! A noã tamoimi makui, íhini henaki kái tiyëwa kuoma, hei yāa kurenaha. A hiramonomi makui. Ihi a rë përire ha, a rë përiõnõwei ha, íxino kama e të ha tararini, Pore kama íxinoripi he harayoma. Ihi të pë kuopë ha, hawë kurata si pë rë kure, të pë tuku ma rë xirikii, mokohe mo si pë rë kui. Ihi mo si ki a rë kuprarionõwei, kurata si ki.

Poreni kama íxinoripi ha këaruni, kama poo eni, të pë ha pëarini, íxino ha pëaruni, të ha íximarini, íhi mokohe mosi ki ma kuonõwei, kamani a keanomi. Mokohe mosi pë kuopë ha, tuku uprahaopë ha, të pëkema. Pëarini, të íximarema, ai të henaha, ai të henaha, kurata si ki.

Proto! Pauximi! Proto! Rokomi! Prohto! Monarimi! Proto! Pakatarimi! Proto! Nakoaximi! Rokoya! Kama roko-roko e ki, roorewë, kama e xíro harayoma. Ihi mokohe mosi pë íximapë ha, ai të henaha, ai të henaha, të mii mi ayoma. Hukomo íha e kái homoprarioma. Ai të yahi ha, ai të yahi ha, a ha

yahirini, a ha yurëni, a yuanomi. Iha kama Pore ni pëtopë ha, kurata e si ki kupropë ha, mokohe e mosi ki kuratapropë ha, hukomo e pëtaroma. Ihami e kau homoprarioma. Āhëāki ĩharë, kumawë ma ki ĩharë, prāki āsi ki ĩharë, ĩnaha tē pē kuprarioma. Xamakoro e kāi kaurayoma. Iharë ĩhi Poreni kurata si ki rē pëtamarenowei kurata si ki.

Pore ihami si ki, ĩhi exi tē ha e si ki pëtaroma? Ihirupī e mahu kua yaro. Suwë e kuami makui, wāro, ĩnaha e kuoma. Ihirupī e kua yaro, kurata si ki pëtamarema, mokohe mosi ki kurataprarioma.

ĩhi Pore a rē kuini si ki, ĩhi iha si ki kararu piyërema, Horonamini, a he ha harëni. A përia ha tararini, ihirupī a wā he ha harëni, ihirupī mahu e tē wai kuoma. Payeri kuonomi, suwë pē yai ai yai e kuonomi. Yanomami tē pē xapopipropë, tē pē xapopī hirai ha. Mahu e tē wai takema, moko makui. Hei tēhë, a rē kuonowei naha, a hekura kuwëmi.

Hëyëmi e ha kuaaimani, hëyëha a he harema, a he hareyorum. ĩhi heini a he rē haarëni, kurata si ki kararu nakarema, Pore iha. Yanomami tē pē hikaripi mao tēhë, tē pē përio mao tēhë, ĩhi iha si ki ha yurëni, tē pē ha hirakini, kama e tē pē ha hirakioni, a kōopë ha, tē pē noā ha tarini, ĩhi kurata si ki kāi wāha ha yuprarini, si kararu kearemahe. ĩhi pëma a piyëmai puhio yaro, si ki yurema. Kihami si ki rē pëtono rē kure hami, ai iha si ki kua xoa: rokomī, nakoaximi, rokoya, pauximi, si pē kua xoa. ĩnaha tē kuprarioma.

Hei kamiyë pëma kini no patama rē kui, pëma ki napë pē no patamapi rē kuini kurata a wai haionomihe. A wanomihe. Napë pē no patama maa xoa yaro. Kuami yaro. ĩnaha tē kuoma. ĩhi weti iha kurata si ki rē yurehe, si ki rē pararayonowei, weti a wāha hapa kua? Pore a yaia. Pore hesiopi xo ki përipioma. Porakapi. Kutaeni ĩhi iha a rē pararayonowei kurata, napë pëni kurata a kāi taihe.

Ihi weti naha si ki yua ha tarë hërinî, weti Yanomamî tēni si ki ha yurë hërinî, napë pë ihami si ki he haapehe, si ki kurayo hërima? Ai tēni si ki yuonomi. Suwë a ha yipimorinî, a pesi prakema. Suwë a rë yipimore hami, mau unî suwë a ha puhinî, a riëhëwë yaro, ïhi exi tē kuprarioma? Suwë pë rë kui, exi tē pë tē kupropë? A yure hërima, a no ha puhiarinî. Hei a suwë yipimono rë yurenoweri, a no uhutipi pata u hami a kurarioma. Pruka a kuprarioma. Pei a yai. Kama unî.

— Suwë ya puhii! Xoape, tēhë a ta hio! — u pata ha kuni, kama u pata harayoma.

U pata hai nosi yauama. U pata hai xoatarioma. Kihi u pata, kiha tē pata ma tirere, kihi xika hami tē mi pata tēaai he yatia.

— Prako! Prako! — u pata kuma.

Ihi tēhë hei pë tē a rë kui a yāprarema, heinaxomi naha, tē rë kurenaha, hei kurenaha, a yāprama, heparapinî. Pë hiinî e noã waxukema. Kama a mixi no tukepi ha, mau unî a napë kuyëpraimai yaro, yari a hui tēhë, u pë pata rë kuaaiwei naha, u pata kuaama. Hawë pë tē u pata hoyahoyamaihe, tē u pata kuaai ha, yāprano a kemaparema, a riëhëwë makui. Iha pë hiinî e kepema. Pë tē a rë kui ïhi unî e yure hërima. Kōamai kōanomi. A mixi kái tuamanomi. Mau unî a yure herima, hesiopi.

— Hei mau ya u rë kui, ya u niipi kupropë, ya yurei kuhe — e u kuma.

Kuwë yaro pë nii e u kua, Yanomamî. U pata harayoma. A ha yāprarini, werehi e texinaki kái huukema. A mi kái yāakema, riëhëwë a oni taprarema, wāima e henaki hoyaremahe, hoyai tēhë e u pata hama, hei ipa xapono kurenaha e kuoma.

— Nape! Nape! Nakami a ta yāprarixë! A ta pauxiprarixë! A ta pauxiprai hairo!

— Pëhë ki puhi kuaai përai kë, xei, kuopëtao kë yai wani a ta hipëkixë! — mau u makui ha, pë hiinî e kuma. E hipëamai puhima. Kama nomahëa. Inaha e kuma. A amoa kua, mau unî a rë yure herinoweri:

— Xiri tōi! Xiri tōi, xiri tōiwē, xiri tōi, xiri tōi, xiri tōi, xiri tōiwē! — e kurayoma. Ihi kama hēaropi u wāha yuai ha:

— Tuuuuuuuuu! — a wā hurema, mau uni. Ihi pē hii:

— Xiri tōi! Xiri tōi! Xiri tōi! — pē hii e kuma.

Kui tēhē, ihi ei rē e tē rē takihe ha, e tē huhe tai tēhē, a pehi kái mori raia hērii tēhē, pē yaini a xēyēparema, a hurihia nokarema, e mia no preo makui. E ikima, pē yai a mia no poma.

-Haaa! Apawē, apawē kuo pētao! Hapemi, hapemi, kuo pētao! Napemi, napemi kuo pētao! — e kuma.

A ma kui tēhē, a hurihia he yatirema.

— Hii Kopou! — a epētarema.

A xēyēa epēparema. Kuaai tēhē, a nokare herima. Ihi a no tapomai yaro, u rē okimohe, u oki rērii makuimi. Hii! Urihi a pata! Puuuu! U pata kuma. Heinaha tē pata kutario hērii.

— Aēē! — suwē a kutario hērii.

Ihi a rē potuprarionowei, ihi rē pē pokēkou, yipi a kemaparema yaro. A pesi praoma yaro, naka iyēo xoaoma, iyēyē hēyēmi e yōu xoawē yaro a kemaparema. Kutaeni hei mau u niipi kuprarioma. Kama a no uhutipi, pē huokema, pē xere-reokema. Mau u ki haikirema. Ihi tēhē rokoroko si pē pata rē yure herinowei, kurata ai pē pehi pata rē yure herinowei, pē pararayoma, napē pē urihipi hami! Inaha tē kuprarioma, paraomopotayoma.

A anta que andava nas árvores

Foi HORONAMI quem perguntou os nomes dos animais. Horonami encheu a floresta de animais. Horonami encontrou a anta Xamari, que andava como Yanomami. Ela andava nos galhos baixos, vindo em sua direção.

— *Hukru! Hukru! Prãããõ!* — ela fez ao cair.

Ela andava nas árvores como os cuatás. Afinal, ele encontrou a anta andando nas árvores. Felizmente, ele fez com que ela descesse, para que nós pudéssemos comê-la.

É sempre um acontecimento quando matamos uma anta para comê-la!

A anta não andava no chão: andava nas árvores de uma espécie nativa de louro, atravessando os galhos e comendo as frutas maduras. Horonami fez quebrar o galho para que a anta caísse. Depois de cair, ela se acostumou a andar no chão.

A anta chegou ao xapono dos esquilos, mas lá não deu certo, então ela foi para a mata. Os esquilos se juntaram quando a anta ainda era Yanomami, e a chamaram. Queriam saber quanto ela aguentava comer.

Os esquilos viviam como Yanomami: moravam em um xapono no alto das árvores e faziam festas como nós, embora eles fossem se tornar animais. Um dia, eles chamaram as cutias, os caititus, as queixadas, as antas, os papagaios e as maitacas. Havia muita comida, mas os convidados não conseguiram comer tudo. Até a anta também desistiu de comer, pois pressentiam que algo ia acontecer.

De repente, todos eles se transformaram em animais.

As queixadas também eram Yanomami. Os cipós se arre-
bentaram e elas caíram. Foi lá, na região do xapono dos es-
quilos onde não conseguiram comer, pois estavam prestes a
se transformar. Não havia nenhuma queixada antes de eles
se transformarem. Nessas regiões, não havia queixada. Subi-
ram até o alto, subiram, estavam subindo até a ponta do cipó.
Lá, o cipó arrebentou no meio. Queixada! Se isso não tivesse
acontecido, lá naquela floresta, hoje as queixadas andariam nas
árvores.

A anta foi quem caiu primeiro e passou a andar no chão,
tornando-se um animal terrestre. Em seguida, o cipó das quei-
xadas arrebentou. Outros Yanomami, que ficaram na parte
superior do cipó se transformaram em macacos cuatás. Assim
foi.

As queixadas ocuparam toda a floresta. Elas desceram rio
abaixo. Horonami conseguiu assim fazer a anta descer ao chão,
e hoje nós as comemos. Assim que foi. Não havia animais no
início, pois eles viviam espalhados, como os Yanomami, em
vários xaponos.

Yāukuakua! Yāukuakua! Ninguém fazia assim. É assim
mesmo. Esse grande animal que anda no chão, quando esta-
mos famintos de carne, nós a comemos, ela anda mesmo no
chão. Nós a comemos.

Xama a rē iminowei

I Hini xīro yaro a rē warireni, ihini urihi a no yaropi kái tapramarema.

Xama a makui, a he kái harema, Xamari Yanomami a huma. Kihami yahatoto hami a imima, kiha tē pē pata imii:

— Hukru! Hukru! Práaão! — a pata ha prērēni, a pata kuma.

Paxo kurenaha xama a imima. A imii he haa piyērema, hore kunomai, a kea piyēmarema a horehewē tikowē yaro, xama, kamiyē pēma kini pēma pē wapē.

Yakumi pē ha niapraheni pēma pē wapē. Kahu ki hami a pata ha imiri hērini, a pata ha piyēikuni, tatetate ki wapē. Inaha xama pita hami a hunomi, hapa. Imirewē kē a kuoma. Ihi a rē imire, a pata ha kerini, pita hami a hua xarayoma. A hua hexipaa xarayoma.

Wayapaxiri pē iha a waroo xi ha wāriani, urihi hami a hurrayoma. Iha a kerayoma, a pehi ha kēpraruni. Ihi kōmi tē pē ha kōkapraruni, Xamari a Yanomami kuo tēhē, a nakaremahe. A wausi wapapehe, Wayapaxiri pēni.

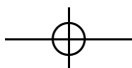
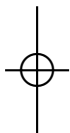
Yanomami pē hiraoma, xapono kurenaha pruka pē hiraoma, pē reahumoma. Yaro pē kuoma makui, pē kái reahumoma. Wayapaxi pē rē kui, tomi, poxe, warē, xama, werehi, ārima pē nakaa hititirema. Makui, Wayapaxi pē ni haikiano-mihe. Xama a makui, a kái tiraa no prekema.

Iha pē xi rii wārihou xoaoma. Warē Yanomami pē kuoma. Iha pē pehi kái hētímarema. Iharē Wayapaxiri pē iha pē iai xi wāriama, warē a hunomi. Hei pē urihi hami warē pē hunomi. Ihi kihami horehe hami warē pē mori imima, hititiwē. ?hete hei pē ora pata rē tuore, tē pē pata imii, ora pata kuaa hērii, hērii, hērii, kihi tokori pē rē kurati naha, kiha pē pehi pata hētirayoma. Warē!

Xama xoma hami a kerayoma, pita hami a hui waikio tēhē, a pitamou waikio tēhē, ihi tē nosi yau hami warē pē pehi rē hētire, paxo ai pē hurayoma. Oraora paxo kē pē. Inaha pē kuprarioma.

Warē pē rē kui, hei pē pata rē hētire, urihi a rē kui a haiki-prarioma. Hei pei pē koro yai rē kui pata u koro rē kure hami pē pehi pata nihōroye hērima. Hei pēma pē wapē. Inaha tē kuprarioma. Yaro a hunomi, hapa, pē pērihiwē yaro, Yanomami kurenaha tē pē xaponopi kuprawē yaro, pē hunomi.

— Yāukuakua! Yāukuakua! — ai tē pē kái kunomi. Inaha tē yai kua. Ihi a pata rē hure, a ha pitapraruni, kamiyē pēma ki naikii, a wamopē a pitapramai he yatirayoma. Pēma a wapē.



COLEÇÃO «BOLSO»

1. *Don Juan*, Molière
2. *Contos indianos*, Mallarmé
3. *Triunfos*, Petrarca
4. *O retrato de Dorian Gray*, Wilde
5. *A história trágica do Doutor Fausto*, Marlowe
6. *Os sofrimentos do jovem Werther*, Goethe
7. *Dos novos sistemas na arte*, Malévitch
8. *Metamorfoses*, Ovídio
9. *Micromegas e outros contos*, Voltaire
10. *O sobrinho de Rameau*, Diderot
11. *Carta sobre a tolerância*, Locke
12. *Discursos ímpios*, Sade
13. *O príncipe*, Maquiavel
14. *Dao De Jing*, Lao Zi
15. *O fim do ciúme e outros contos*, Proust
16. *Pequenos poemas em prosa*, Baudelaire
17. *Fé e saber*, Hegel
18. *Joana d'Arc*, Michelet
19. *Livro dos mandamentos: 248 preceitos positivos*, Maimônides
20. *O indivíduo, a sociedade e o Estado, e outros ensaios*, Emma Goldman
21. *Eu acuso!*, Zola | *O processo do capitão Dreyfus*, Rui Barbosa
22. *Apologia de Galileu*, Campanella
23. *Sobre verdade e mentira*, Nietzsche
24. *O princípio anarquista e outros ensaios*, Kropotkin
25. *Os soviets traídos pelos bolcheviques*, Rocker
26. *Poemas*, Byron
27. *Sonetos*, Shakespeare
28. *A vida é sonho*, Calderón
29. *Escritos revolucionários*, Malatesta
30. *Sagas*, Strindberg
31. *O mundo ou tratado da luz*, Descartes
32. *Fábula de Polifemo e Galateia e outros poemas*, Góngora
33. *A vênus das peles*, Sacher-Masoch
34. *Escritos sobre arte*, Baudelaire
35. *Cântico dos cânticos*, [Salomão]
36. *Americanismo e fordismo*, Gramsci
37. *O princípio do Estado e outros ensaios*, Bakunin
38. *Balada dos enforcados e outros poemas*, Villon
39. *Sátiras, fábulas, aforismos e profecias*, Da Vinci
40. *O cego e outros contos*, D.H. Lawrence
41. *Rashômon e outros contos*, Akutagawa
42. *História da anarquia (vol. 1)*, Max Nettlau
43. *Imitação de Cristo*, Tomás de Kempis
44. *O casamento do Céu e do Inferno*, Blake
45. *Flossie, a Vênus de quinze anos*, [Swinburne]
46. *Teleny, ou o reverso da medalha*, [Wilde et al.]
47. *A filosofia na era trágica dos gregos*, Nietzsche
48. *No coração das trevas*, Conrad
49. *Viagem sentimental*, Sterne
50. *Arcana Caelestia e Apocalipsis revelata*, Swedenborg
51. *Saga dos Volsungos*, Anônimo do séc. XIII
52. *Um anarquista e outros contos*, Conrad
53. *A monadologia e outros textos*, Leibniz
54. *Cultura estética e liberdade*, Schiller

55. *Poesia basca: das origens à Guerra Civil*
56. *Poesia catalã: das origens à Guerra Civil*
57. *Poesia espanhola: das origens à Guerra Civil*
58. *Poesia galega: das origens à Guerra Civil*
59. *O pequeno Zacarias, chamado Cinábrio*, E.T.A. Hoffmann
60. *Entre camponeses*, Malatesta
61. *O Rabi de Bacherach*, Heine
62. *Um gato indiscreto e outros contos*, Saki
63. *Viagem em volta do meu quarto*, Xavier de Maistre
64. *Hawthorne e seus musgos*, Melville
65. *A metamorfose*, Kafka
66. *Ode ao Vento Oeste e outros poemas*, Shelley
67. *Feitiço de amor e outros contos*, Ludwig Tieck
68. *O corno de si próprio e outros contos*, Sade
69. *Investigação sobre o entendimento humano*, Hume
70. *Sobre os sonhos e outros diálogos*, Borges | Osvaldo Ferrari
71. *Sobre a filosofia e outros diálogos*, Borges | Osvaldo Ferrari
72. *Sobre a amizade e outros diálogos*, Borges | Osvaldo Ferrari
73. *A voz dos botequins e outros poemas*, Verlaine
74. *Gente de Hemsö*, Strindberg
75. *Senhorita Júlia e outras peças*, Strindberg
76. *Correspondência*, Goethe | Schiller
77. *Poemas da cabana montanhesa*, Saigó
78. *Autobiografia de uma pulga*, [Stanislas de Rhodes]
79. *A volta do parafuso*, Henry James
80. *Ode sobre a melancolia e outros poemas*, Keats
81. *Carmilla — A vampira de Karnstein*, Sheridan Le Fanu
82. *Pensamento político de Maquiavel*, Fichte
83. *Inferno*, Strindberg
84. *Contos clássicos de vampiro*, Byron, Stoker e outros
85. *O primeiro Hamlet*, Shakespeare
86. *Noites egípcias e outros contos*, Púchkin
87. *Jerusalém*, Blake
88. *As bacantes*, Eurípides
89. *Emília Galotti*, Lessing
90. *Viagem aos Estados Unidos*, Tocqueville
91. *Emile e Sophie ou os solitários*, Rousseau
92. *Manifesto comunista*, Marx e Engels
93. *A fábrica de robôs*, Karel Tchépek
94. *Sobre a filosofia e seu método — Parerga e paralipomena (v. II, t. I)*, Schopenhauer
95. *O novo Epicuro: as delícias do sexo*, Edward Sellon
96. *Revolução e liberdade: cartas de 1845 a 1875*, Bakunin
97. *Sobre a liberdade*, Mill
98. *A velha Izerguil e outros contos*, Górkí
99. *Pequeno-burgueses*, Górkí
100. *Primeiro livro dos Amores*, Ovídio
101. *Educação e sociologia*, Durkheim
102. *A nostálgica e outros contos*, Papadiamantis
103. *Lisístrata*, Aristófanes
104. *A cruzada das crianças/ Vidas imaginárias*, Marcel Schwob
105. *O livro de Monelle*, Marcel Schwob
106. *A última folha e outros contos*, O. Henry
107. *Romanceiro cigano*, Lorca
108. *Sobre o riso e a loucura*, [Hipócrates]
109. *Hino a Afrodite e outros poemas*, Safo de Lesbos
110. *Anarquia pela educação*, Elisée Reclus
111. *Ernestine ou o nascimento do amor*, Stendhal

112. *Odisséia*, Homero
113. *O estranho caso do Dr. Jekyll e Mr. Hyde*, Stevenson
114. *História da anarquia* (vol. 2), Max Nettlau
115. *Sobre a ética — Páverga e paralipomena* (v. 11, t. 11), Schopenhauer
116. *Contos de amor, de loucura e de morte*, Horacio Quiroga
117. *Memórias do subsolo*, Dostoiévski
118. *A arte da guerra*, Maquiavel
119. *Elogio da loucura*, Erasmo de Rotterdam
120. *Oliver Twist*, Charles Dickens
121. *O ladrão honesto e outros contos*, Dostoiévski
122. *Sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida*, Nietzsche
123. *Édipo Rei*, Sófocles
124. *Fedro*, Platão
125. *A conjuração de Catilina*, Salústio
126. *O chamado de Cthulhu*, H. P. Lovecraft
127. *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã*, Engels

COLEÇÃO «HEDRA EDIÇÕES»

1. *A metamorfose*, Kafka
2. *O príncipe: bilingue*, Maquiavel
3. *Hino a Afrodite e outros poemas: bilingue*, Safo de Lesbos
4. *Jazz rural*, Mário de Andrade
5. *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã*, Friedrich Engels
6. *Præterita*, John Ruskin

COLEÇÃO «METABIBLIOTECA»

1. *O deserto*, Silva Alvarenga
2. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*, Gabriel Soares de Sousa
3. *Teatro de êxtase*, Pessoa
4. *Oração aos moços*, Rui Barbosa
5. *A pele do lobo e outras peças*, Artur Azevedo
6. *Tratados da terra e gente do Brasil*, Fernão Cardim
7. *O Ateneu*, Raul Pompeia
8. *História da província Santa Cruz*, Gandavo
9. *Cartas a favor da escravidão*, Alencar
10. *Pai contra mãe e outros contos*, Machado de Assis
11. *Inacema*, Alencar
12. *Auto da barca do Inferno*, Gil Vicente
13. *Poemas completos de Alberto Caetano*, Pessoa
14. *A cidade e as serras*, Eça
15. *Mensagem*, Pessoa
16. *Utopia Brasil*, Darcy Ribeiro
17. *Bom Crioulo*, Adolfo Caminha
18. *Índice das coisas mais notáveis*, Vieira
19. *A carteira de meu tio*, Macedo
20. *Elixir do pajé — poemas de humor, sátira e escatologia*, Bernardo Guimarães
21. *Eu*, Augusto dos Anjos
22. *Farsa de Inês Pereira*, Gil Vicente
23. *O cortiço*, Aluísio Azevedo

24. *O que eu vi, o que nós veremos*, Santos-Dumont
25. *Democracia*, Luiz Gama
26. *Liberdade*, Luiz Gama
27. *A escrava*, Maria Firmina dos Reis
28. *Contos e novelas*, Júlia Lopes de Almeida

«SÉRIE LARGEPOST»

1. *Dao De Jing*, Lao Zi
2. *Escritos sobre literatura*, Sigmund Freud
3. *O destino do erudito*, Fichte
4. *Diários de Adão e Eva*, Mark Twain
5. *Diário de um escritor (1873)*, Dostoiévski

«SÉRIE SEXO»

1. *A vênus das peles*, Sacher-Masoch
2. *O outro lado da moeda*, Oscar Wilde
3. *Poesia Vaginal*, Glauco Mattoso
4. *Perversão: a forma erótica do ódio*, Stoller
5. *A vênus de quinze anos*, [Swinburne]
6. *Explosão: romance da etnologia*, Hubert Fichte

COLEÇÃO «QUE HORAS SÃO?»

1. *Lulismo, carisma pop e cultura anticrítica*, Tales Ab'Sáber
2. *Crédito à morte*, Anselm Jappe
3. *Universidade, cidade e cidadania*, Franklin Leopoldo e Silva
4. *O quarto poder: uma outra história*, Paulo Henrique Amorim
5. *Dilma Rousseff e o ódio político*, Tales Ab'Sáber
6. *Descobrimo o Islã no Brasil*, Karla Lima
7. *Michel Temer e o fascismo comum*, Tales Ab'Sáber
8. *Lugar de negro, lugar de branco?*, Douglas Rodrigues Barros
9. *Machismo, racismo, capitalismo identitário*, Pablo Polese
10. *A linguagem fascista*, Carlos Piovezani & Emilio Gentile

COLEÇÃO «MUNDO INDÍGENA»

1. *A árvore dos cantos*, Pajés Parahiteri
2. *O surgimento dos pássaros*, Pajés Parahiteri
3. *O surgimento da noite*, Pajés Parahiteri
4. *Os comedores de terra*, Pajés Parahiteri
5. *A terra uma só*, Timóteo Verá Tupã Popyguá
6. *Os cantos do homem-sombra*, Mário Pies & Ponciano Socot
7. *A mulher que virou tatu*, Eliane Camargo
8. *Crônicas de caça e criação*, Uirá Garcia
9. *Círculos de coca e fumaça*, Danilo Paiva Ramos
10. *Nas redes guarani*, Valéria Macedo & Dominique Tilkin Gallois

11. *Os Aruaques*, Max Schmidt
12. *Cantos dos animais primordiais*, Ava Nomoandyja Atanásio Teixeira

COLEÇÃO «ARTECRÍTICA»

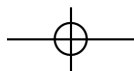
1. *Dostoiévski e a dialética*, Flávio Ricardo Vassoler
2. *O renascimento do autor*, Caio Gagliardi
3. *O homem sem qualidades à espera de Godot*, Robson de Oliveira

COLEÇÃO «NARRATIVAS DA ESCRAVIDÃO»

1. *Incidentes da vida de uma escrava*, Harriet Jacobs
2. *Nascidos na escravidão: depoimentos norte-americanos*, WPA
3. *Narrativa de William W. Brown, escravo fugitivo*, William Wells Brown

COLEÇÃO «WALTER BENJAMIN»

1. *O contador de histórias e outros textos*, Walter Benjamin
2. *Diário parisiense e outros escritos*, Walter Benjamin



Adverte-se aos curiosos que se imprimiu este livro na gráfica
Meta Brasil, na data de 22 de fevereiro de 2022, em papel pólen
soft, composto em tipologia Minion Pro e Formular, com
diversos softwares livres, dentre eles Lua[®]TeXe git.
(v. 8b5a8d3)

